

**PAISAGENS DO FIM:
a Educação Ambiental em exemplos selecionados do Grindcore belo-horizontino**

**LANDSCAPES OF THE END:
Environmental Education in selected examples from Grindcore belo-horizontino**

Gleyber Eustáquio Calaça Silva¹

Rodrigo Corrêa Teixeira²

Sabrina Elis Cândido Gonçalves³

Gleyson Eustáquio Calaça Silva⁴

RESUMO

O presente trabalho articula acepções das ditas "ecologias menores" com sua "paisagem sonora" resultante, colocando em evidência a efemeridade da vida humana a partir do subgênero de música extrema chamado Grindcore. Trata-se de uma abordagem (anti)musical que se vincula com o anarquismo e posicionamentos libertários que revelam uma miríade de possibilidades de educação ambiental fora do escopo parametrizado pelo Estado, pelo ecocapitalismo ou mesmo por correntes paradigmáticas da academia. A visão crítica e, por vezes, niilista do Grindcore seria então capaz de catalisar a insatisfação com o mundo e reluzir aspectos da relação homem e meio ambiente que são pouco usuais nas mídias institucionalizadas. Aplicando estes preceitos à cena Grindcore belo-horizontina, com suporte do portal Encyclopaedia Metallum, são elencadas algumas evidências, via letras das músicas e capas dos álbuns, de como o subgênero anuncia cataclismas em uma escala global, como a guerra nuclear e situações pós-apocalípticas, enquanto, também, reflete sobre suas implicações em Minas Gerais ou na própria capital mineira.

Palavras-Chave: Educação Ambiental; Ecologia; Paisagem Sonora; Grindcore.

ABSTRACT

The present work articulates meanings of the so-called "minor ecologies" with their resulting "soundscape", highlighting the ephemerality of human life based on the subgenre of extreme music called Grindcore. It is an (anti)musical approach that is linked to anarchism and libertarian positions that reveals a myriad of possibilities for environmental education outside the scope parameterized by the State, ecocapitalism or even paradigmatic currents in academia. Grindcore's critical and, at times, nihilistic vision would then be capable of catalyzing dissatisfaction with the world and highlighting aspects of the relationship between man and the environment that are unusual in institutionalized media. Applying these precepts to the Belo Horizonte Grindcore scene, with support from the Encyclopaedia Metallum portal, some evidence is listed, via song lyrics and album covers, of how the subgenre herald's cataclysms on a global scale, such as nuclear war and post-war situations apocalyptic, while also reflecting on their implications in Minas Gerais or in the capital of Minas Gerais itself.

¹ Doutorando em Geografia pela PUC Minas e Bolsista CAPES. E-mail: gleyber3001@gmail.com

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Relações Internacionais da PUC Minas. E-mail: rteixeira@pucminas.br

³ Mestra em Geografia pela PUC Minas e Professora pela SEE-MG. E-mail: sabrinaelis46@gmail.com

⁴ Graduando em Engenharia de Transportes pelo CEFET-MG. E-mail: gleysoneustaquio1@gmail.com

Keywords: Environmental Education; Ecology; Soundscape; Grindcore.

INTRODUÇÃO

Congregando os expoentes mais extremos no quesito político e sonoro do Heavy Metal e do Punk, principalmente o Thrash, o Death e o Hardcore, após uma série de eventos sub e contraculturais vivenciados pelo ocidente ao longo dos anos 1960 e 1970, surge, ao longo dos anos 1980, no Reino Unido, um subgênero de dissidência chamado Grindcore. Seu desenvolvimento foi tão profícuo que dá luz a uma série de microgêneros, cada qual com sua característica temática (*e.g.*: Goregrind, Pornogrind, Noisegrind, Cybergrind, Cybernoise, Mincecore, dentre outros), reverberando em todo o globo.

Em geral, trata-se de uma postura (anti)musical que busca romper com a padronização comercial da música, adotando pensamentos libertários tais quais os movimentos anarquistas, anticapitalistas, anti-Estado e ambientalistas, em suma, herança do anarco-punk. Moldado em uma região operária chamada Birmingham, bandas embrionárias deste período, como o Napalm Death, foram intensivamente influenciadas pela política radical do niilismo e por estruturas musicais rudimentares (Riches, 2016, p. 126), caracterizadas por guitarra e contrabaixo tocados em sua maioria em três acordes e repletos de distorção, vocais gritados e urrados ao que denomina-se gutural e bateria com uma sequência explosiva de *blast beats*, o que um observador desavisado definiria simplesmente como ruído ou barulho. Em muitos casos, faixas inteiras possuem a duração de segundos, reverberando poucas frases ou simplesmente uma palavra no que é conhecido como *microsongs*. Permeando este contexto, as capas dos discos causam grande impacto visual, trazendo cenas extremas de esquartejamento, putrefação de corpos, sexo explícito, guerras, dentre outros atos evitados pela maioria das pessoas.

Dessa maneira, postulando-se como antagonista do saber institucionalizado, tendo em consideração as investidas do grande capital, o Grindcore cria, a seu próprio modo, uma fórmula diferente de educação, ao que Barchi (2017; 2017a; 2018; 2018a) vem denominando como ecologias menores, ruidosas ou infernais, firmando-se como portadoras de vasto potencial para a promoção da Educação Ambiental junto aos seus partícipes (Barchi, 2017a). Considerando que o autor mencionado trabalha em uma perspectiva mais abrangente do Grindcore como resposta ao capitalismo mundial integrado, intenta-se neste ensaio exploratório averiguar o discurso ambiental articulado em uma cena musical em específico, notabilizando a cidade de Belo Horizonte, tida por muitos como a capital brasileira da música extrema. Tem-se, portanto,

o objetivo geral de analisar como a educação ambiental é promovida localmente a partir dos álbuns de bandas belo-horizontinas de Grindcore, descrevendo sua paisagem sonora resultante.

Para tal, o artigo estrutura-se em: uma breve discussão teórica com apontamentos gerais dos conceitos e categorias relevantes para a pesquisa; os procedimentos metodológicos para levantamento, tratamento e representação dos dados; a seção de resultados, analisando conforme o pressuposto teórico as faixas e discos selecionados; algumas considerações finais com perspectivas lançadas pela pesquisa.

ECOLOGIAS MENORES, PAISAGEM SONORA E EDUCAÇÃO

A Educação Ambiental no Brasil é definida e parametrizada pela PNEA (Política Nacional de Educação Ambiental), definindo-a como detentora de processos em que o “indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade” (ICMBio, 2024). Entretanto, o Estado, mesmo com o controle das instituições de ensino e fiscalizando a atuação do setor privado, não consegue democratizar a compreensão e propiciar ações que levem à Educação Ambiental integrada. Mais do que isto, costuma ser conivente com medidas que caminham opostas a qualquer consciência ecológica.

Urgem, então, alternativas ao modelo institucionalizado da educação, evidenciando processos que ressaltam a ontologia do ser e dão sentido a um discurso político enredado coletivamente, como ocorre em cenas musicais do *underground*, ainda que estes sejam atos de uma rebelião minoritária e, até mesmo, restrita aos seus integrantes. Educar-se no *underground* é integrar uma série de signos e posturas a serem compartilhadas, como evidencia Coelho (2020) ao tratar das influências da cidade sobre os membros do Heavy Metal e do Punk belo-horizontino, que aprendem sê-lo com a educação estética, identitária e política. A própria noção de *underground* ancora-se neste modo de se organizar em uma cultura de resistência, definido como “as práticas sociais organizadas às margens das instâncias de gestão e controle moral da cidade, elaborando seus próprios códigos de conduta e trajetórias de circulação” (Calaça, 2023, p. 24).

Para compreender processos educacionais no Grindcore, é preciso, enfim, resgatar o pensamento freireano, no qual o cerne da questão investigativa “não são os homens, como se fossem peças anatômicas, mas o seu pensamento-linguagem referido à realidade, os níveis de sua percepção desta realidade, a sua visão do mundo, em que se encontram envolvidos seus

temas geradores” (Freire, 1987, p. 56). Resultado do tempo histórico, cada grupo possui maneiras singulares de perceber o espaço, o que sugere que práticas libertárias podem ser evocadas a partir de fagulhas que a educação institucionalizada não reconhece. Reside aqui a viabilidade de se pensar a ecologia no antro do Grindcore, assumindo o seguinte preceito de Barchi, buscando:

[...] trazer à tona os registros de pessoas e/ou grupos que não têm suas histórias, vidas e perspectivas incluídas no que é entendido, pelos discursos oficialistas e maiores, como “A história da Educação Ambiental”. Cabe ainda ressaltar que o esforço aqui não é buscar indícios daquilo que se chama por ecologia – ecologia maior. [...] a proposta é potencializar o pensamento sobre essas multiplicidades como força menor, e buscar nessa perspectiva suas formas educativas e ecológicas. Longe de agregar as perspectivas ecológicas à “multiplicidade de concepções ecologistas” e pensá-las também como mais um integrante da ecologia maior (n+1), a intenção é discutir essas ecologias e educações menores como sistemas próprios, criadores de suas próprias perspectivas, que põem para correr as universalidades totalizantes para estabelecer suas medidas (n-1) (Barchi, 2017a, p. 181).

Uma vez que o seio do discurso ecológico do Grindcore consta analisado em seus desígnios globais por Barchi (2017a), resta investigar mais de perto como essa postura de vida é condicionada, também, por aspectos locais. Para isso, adiciona-se a acepção de paisagem sonora (*soundscape*) cunhada por Schafer (2001), inicialmente apreendida como sinônimo de ambiente sonoro, contendo o antrópico. Com a ampliação de discussão do conceito, a paisagem sonora seria mais um fator de análise nos estudos humanistas-culturais, carregando “preocupações com a compreensão de como o indivíduo e o coletivo constroem e concebem o espaço” e servindo como dado diferenciativo, pois ela é “apreendida e ao mesmo tempo transformada, diferentemente em cada localidade, em cada grupo, em cada cultura” (Torres; Kozel, 2010, p. 128). Assim, espera-se conseguir interpretar o caos anunciado nas (anti)músicas do Grindcore de Belo Horizonte.

PERCURSO METODOLÓGICO

O artigo possui como base fundamental de levantamento de dados a *Encyclopaedia Metallum* (<https://www.metal-archives.com/>). Trata-se de um acervo digital, *on-line* e colaborativo que possui mais de 20 anos de catalogação de bandas de Heavy Metal e seus subgêneros, incluindo a vertente do Grindcore. No referido portal, bandas de todo o mundo são cadastradas mediante a comprovação de que inserem-se no contexto sonoro do Heavy Metal, adicionando ainda dados de formação (membros da banda), local de origem, ano de fundação,

subgêneros de identificação e discografia, esta última agregando a arte da capa dos diferentes tipos de lançamento de discos (*Full-length, Live album, Demo, Single, EP, Video Boxed set, Split, Compilation, Split video* e *Collaboration*), o formato de lançamento em diversas modalidades de mídia (*CD, Cassette, Vinyl, VHS, DVD, Digital* e *Blu-ray*), além de informações de *tracklist* (músicas do disco, letra e duração).

Assim, realizando filtragens nos operadores booleanos da plataforma, tornou-se exequível a identificação específica de bandas de Grindcore formadas em Belo Horizonte, permitindo ainda o acesso à respectiva discografia. Ao todo, Belo Horizonte possui ao menos 15 grupos declarados como Grindcore ou como um de seus microgêneros correlatos, sem eximir a possibilidade de existência de outros, os quais são elencados em ordem cronológica: Guerrilha (Thrash/Speed Metal/Grindcore, 1986), Necrocult (Black Metal/Noise/Grindcore, 1998), Absolute Disgrace (Technical Death Metal/Grindcore, 1999), C.V.I. (Grindcore/Death Metal, 1999), Mata Borrão (Grindcore/Death Metal, 2000), Extreme Hate (Death Metal/Grindcore, 2001), Expurgo (Grindcore, 2001), Exutory (Goregrind, 2005), Colt.45 (Brutal Death Metal/Grindcore, 2006), Martyrizer (Grindcore, 2009), Masennus (Death Metal/Grindcore, 2019) e Grindcore Godzilla Extravaganza (Grindcore/Death Metal, 2021). Embora sejam poucas bandas perante todo o universo *headbanger* de Belo Horizonte (326 bandas), todas possuem material gravado e são, em sua maioria, ativas nos eventos organizados no antro da cena de música extrema mineira contemporânea.

Uma vez identificadas as bandas, toda discografia correspondente foi escrutinada para fins de coleta de evidências, sintetizadas em compilações de imagens apresentadas no índice de resultados, havendo as capas dos discos, a listagem das músicas e a íntegra de letras escolhidas, as quais, quando o caso de idioma estrangeiro, traduzidas para o português. As referências das fontes das figuras são acompanhadas pelo *link* de acesso no *Youtube* ao álbum publicado pela banda ou gravadora que assina a autoria do disco exposto, em canais oficiais, permitindo ao leitor da pesquisa consultá-los. Tais ilustrações são analisadas sob o escopo da paisagem sonora e da ecologia menor, dando ênfase às paisagens do fim.

RESULTADOS: NARRATIVAS DAS PAISAGENS DO FIM

Sendo este um trabalho vinculado às inclinações teóricas da Geografia, notabiliza-se que as músicas e as capas selecionadas para o exercício exploratório dos resultados gravitam pela dialética global-local. Dessa maneira, os atos de inconformismo e anunciação do caos tão

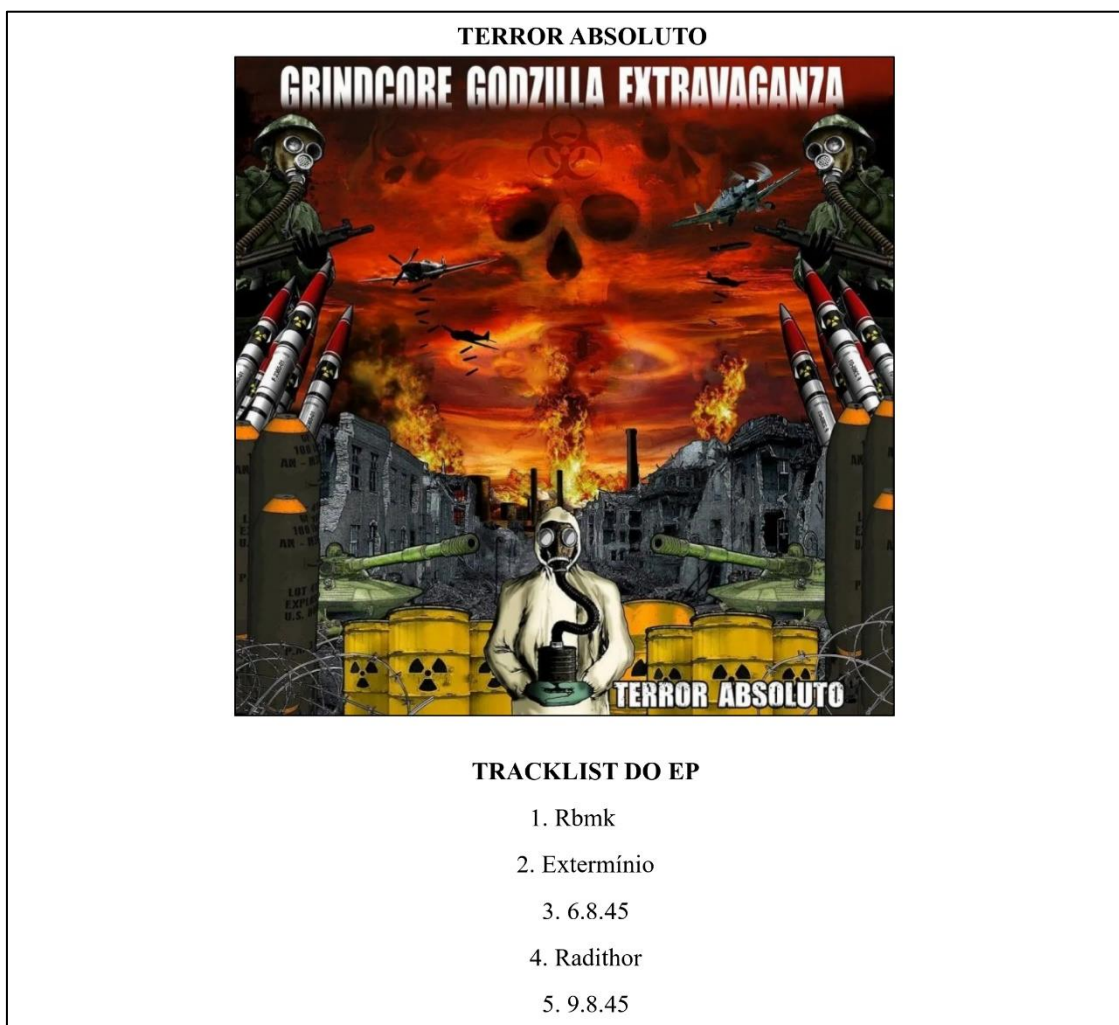
caros ao Grindcore são abordados nas músicas tanto em uma ótica globalizante quanto de mazelas próprias do contexto socioespacial belo-horizontino e suas cercanias da RMBH (Região Metropolitana de Belo Horizonte).

Na abordagem mundial de dilemas da humanidade, o Grindcore mineiro é profícuo em anunciações apocalípticas, sendo a mais comum delas o holocausto nuclear. Nessa vertente, as guerras travadas com armamento tóxico e radioativo são comuns, tanto nas letras quanto nas artes gráficas. Na figura 1, o EP “*Terror Absoluto*” da banda Grindcore Godzilla Extravaganza é apresentado como um dos pivôs da dimensão de cataclismas que podem assolar toda a população mundial. O receio com armamentos nucleares surge com a Segunda Guerra Mundial, estendendo-se desde então com a Guerra Fria, os testes nucleares de países que não foram signatários ou quebraram o acordo de não proliferação de armas nucleares e os tensionamentos geopolíticos recentes, como Israel contra a Palestina e a Rússia contra a Ucrânia. Na figura 1, todo o conceito é trabalhado conforme problemas nucleares, havendo na capa do EP a ilustração de uma cidade destruída pela guerra, onde adornos como mísseis, o cogumelo advindo da explosão de bombas e a radioatividade são iconograficamente recorrentes na paisagem. Os títulos das faixas também carregam esta referência, como “6.8.45” e “9.8.45”, respectivamente, as datas em que Hiroshima e Nagasaki foram bombardeadas pelos Estados Unidos. Conforme a própria banda, este seria o significado das demais faixas:

Eu estava vendo documentários e achei bacana como ponto de partida, por ser algo tenso, destruição em massa, devastação. A ideia era abordar esse tipo de acontecimento, coisas apocalípticas, cataclismas, fenômenos/desastres naturais e sobrenaturais às vezes. O EP foi todo nessa temática, dos desastres da bomba atômica, Extermínio fala dos campos de concentração e câmaras de gás... Auschwitz. Rbmk é sobre o reator que explodiu na usina nuclear em Chernobyl. Radithor sobre um remédio radioativo que as pessoas achavam curar tudo e um cara usou demais e se ferrou todo (War, 2021).

No âmbito ambiental, o Grindcore anuncia e, por vezes, anseia que os conflitos da nossa espécie irão culminar na erradicação do ser humano, algo recorrentemente propagado pela cena. Isso escancara o quão antagônica é a relação homem/meio no modo em que o ser humano trata seus pares e o próprio ambiente, este, tão condenado pela radiação quanto as pessoas.

Figura 1: EP “Terror Absoluto”



Fonte: GRINDCORE GODZILLA EXTRAVAGANZA, 2021.

A figura 2 discorre mais enfaticamente sobre a poluição relacionada ao uso do metanol, substância com grau considerável de toxicidade, seja inalado, ingerido ou por contato dérmico. Usado para diversos fins industriais, farmacêuticos e na produção de biodiesel, o metanol é lembrado no disco “*Deformed by Law*” da banda Expurgo como indicativo de substâncias exageradamente emitidas pela atividade antrópica que podem causar a desregulação de eventos sistêmicos da natureza, como a circulação atmosférica e o regime de chuvas mencionados na faixa “*Inhale Radiation Fumes*”. Além disso, o contato com determinadas substâncias é corriqueiramente destacado pelo Grindcore em vistas do risco biológico que apresentam para todas as espécies. Nessa dimensão, a educação ambiental propiciada pela letra sugere que a humanidade acabará fatalmente, caso não repense seu trato com o meio ambiente, pauta convencionalmente propagada na ecologia, porém, mais potencializada e impactante no discurso do Grindcore.

Figura 2: Full-length “Deformed by Law”

DEFORMED BY LAW	
	
INHALE RADIATION FUMES	INALAR VAPORES DE RADIAÇÃO
Toxic effects of methanol exposure	Efeitos tóxicos da exposição ao metanol
Poisoned toxic rain	Chuva tóxica envenenada
The sky turns a lethal sore	O céu se transforma em uma ferida letal
Hatred surface, biohazard that kills	Superfície de ódio, risco biológico que mata
Inhale radiation fumes (x2)	Inalar vapores de radiação (x2)
Crap holes that spit our doom	Buracos de lixo que cospem nossa destruição
Our filth bodies turn to temples	Nossos corpos imundos se transformam em templos
A microcosm of trash n´ garbage	Um microcosmo de lixo e lixo
A tech to sustain our death	Uma tecnologia para sustentar nossa morte
Inhale radiation fumes (x2)	Inalar vapores de radiação (x2)
Decease of Earth	Falecimento da Terra
Putrid black blood	Sangue preto pútrido

Fonte: EXPURGO, 2018.

Normalmente, interpretando o sistema capitalista vigente, inerente à exploração e à ganância, o Grindcore tende a seguir uma filosofia niilista, na qual a existência perde seu

propósito em face de um mundo ideal cada vez mais utópico. Com isso, ergue-se a bandeira de revolta contra um sistema econômico que é incoerente com a finitude dos recursos naturais, mas que, continuamente, visa o crescimento exponencial do lucro.

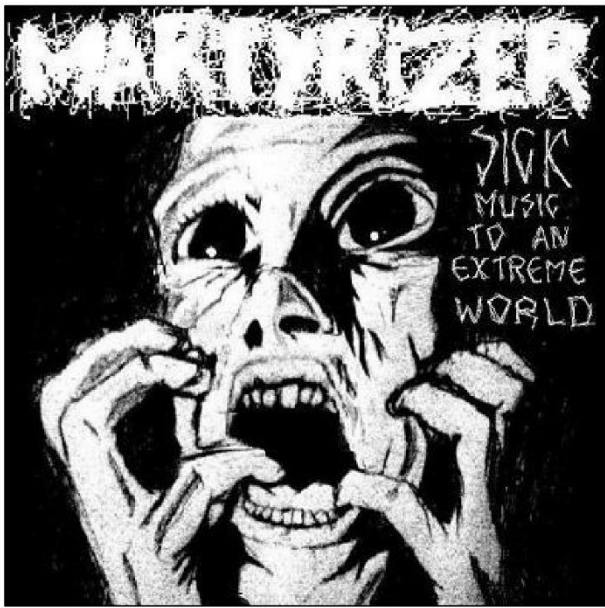
A banda Martyrizer menciona este fato na *demo* “*Sick Music to an Extreme World*”, mais especificamente na faixa “*The Dogs Bark and the Bullets Don't Stop*” da figura 3, em que a obstinação por dinheiro e prazeres individuais torna-se, nas palavras da banda, uma forma descontrolada de reprodução. Revela-se, portanto, o ideal anárquico em oposição ao capitalismo, em que as consequências ambientais do atual sistema já são evidenciadas no presente, muitas das quais irreversíveis e estendidas ao mundo todo. O Grindcore enreda-se na qualidade do que é imediato, em que o cataclisma ambiental não será, mas, sim, já está em curso. Não figura então no campo profético e sim no da denúncia, em que um fim extremo só pode ser proclamado por uma sonoridade igualmente extrema.

É comum que as artes das capas de discos do Grindcore demonstrem a putrefação de corpos, atos explícitos de luxúria ou comportamentos abomináveis como estupro e profanação de cadáveres. Entretanto, a maior parte dos trabalhos selecionados, com exceção da figura 1, apresentam o caos antes de a morte de fato ocorrer, personificadas em figuras com semblante de desespero ou mutiladas. A transição conturbada da vida para a morte é alvo da banda Colt.45 no disco “*Extinction*”, assumindo que não há salvação para a humanidade.

Evidencia-se a figura 4 com a faixa “*This is Reality. This is Doom*”, que, ao passo que assegura a condenação do mundo à luz da erradicação, também, em âmbito local, narra tal destruição. Torna-se presente a escala local do cenário apocalíptico, no qual um dos pontos mais emblemáticos de Belo Horizonte eleva-se: o obelisco da Praça Sete de Setembro, coração do Centro da cidade e marco entre as avenidas Amazonas e Afonso Pena. A capa também conta com pixações comuns aos prédios da capital mineira, dando ares de singularidade à paisagem. Centralizado na figura consta uma pessoa enforcada e dilacerada, observada com espanto pelos outros personagens, cada um em menção a uma das músicas do álbum. Essa abordagem da paisagem local, somada às letras contundentes, dão a tônica da extinção em um ângulo pouco abordado nos meios formais de educação ambiental, pois, quase sempre, as mazelas são mostradas atingindo o outro, quase que imaginárias para um interlocutor distante. Subvertendo esta lógica, a Colt.45 mostra o caos em sua própria cidade.

Figura 3: Demo “Sick Music to an Extreme World”

SICK MUSIC TO AN EXTREME WORLD

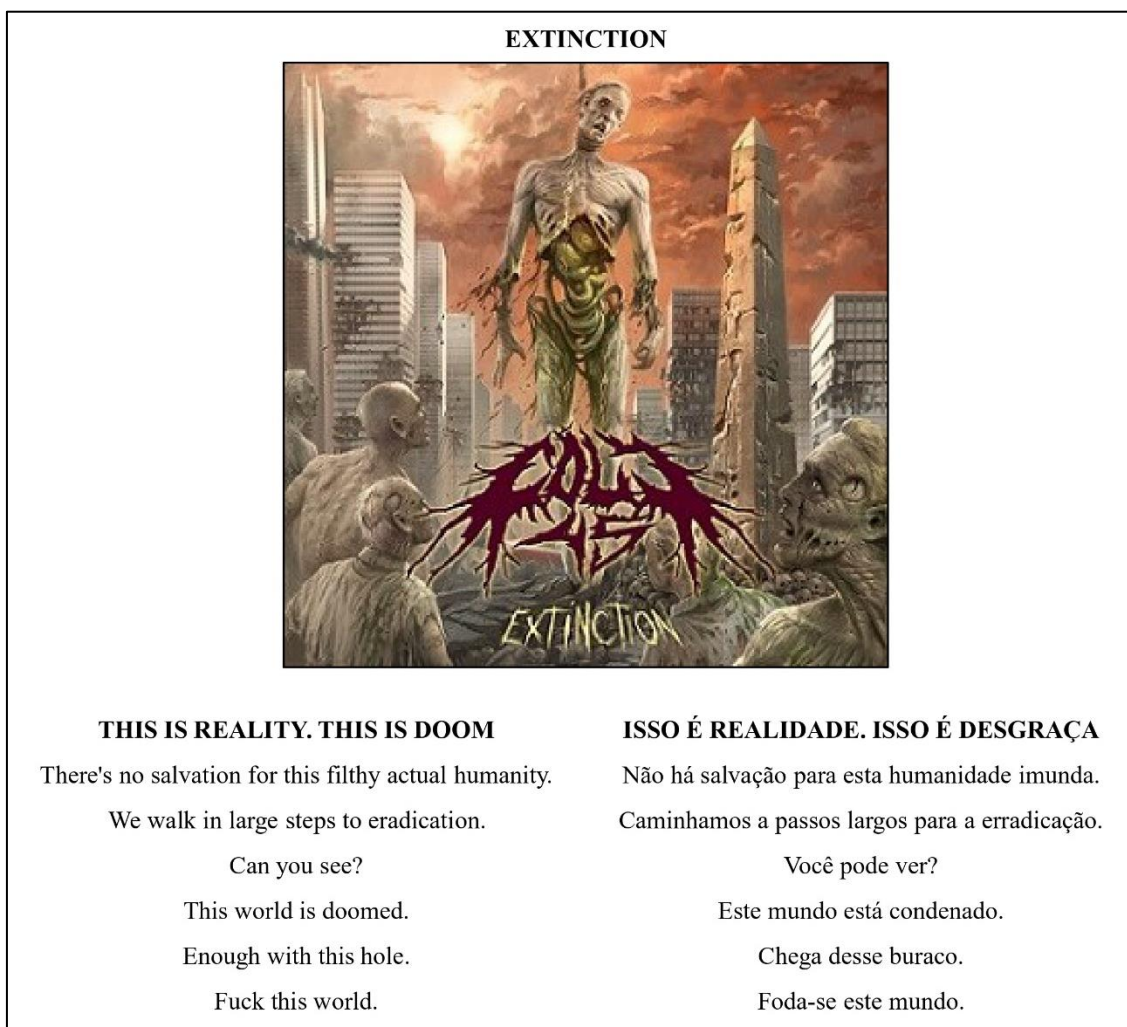


THE DOGS BARK AND THE BULLETS DON'T STOP OS CÃES LATEM E AS BALAS NÃO PARAM

one more death	mais uma morte
is ordered	é ordenada
listen the shots	ouça os tiros
listen the screams	ouça os gritos que estamos
we're paying every day	pagando todos os dias
the consequences	as consequências
of a uncontrolled	de uma
way of breeding	forma descontrolada de criar
kill for money	matança por dinheiro
for drugs	para drogas
or for sex	ou para sexo
is already an everyday fact	já é um fato cotidiano
listen the shots	ouça os tiros
listen the screams	ouça os gritos
we are paying	que estamos pagando
every day	todos os dias
the consequences of	consequências de
a uncontrolled	uma forma descontrolada
way of breeding	de reprodução

Fonte: MARTYRIZER, 2012.

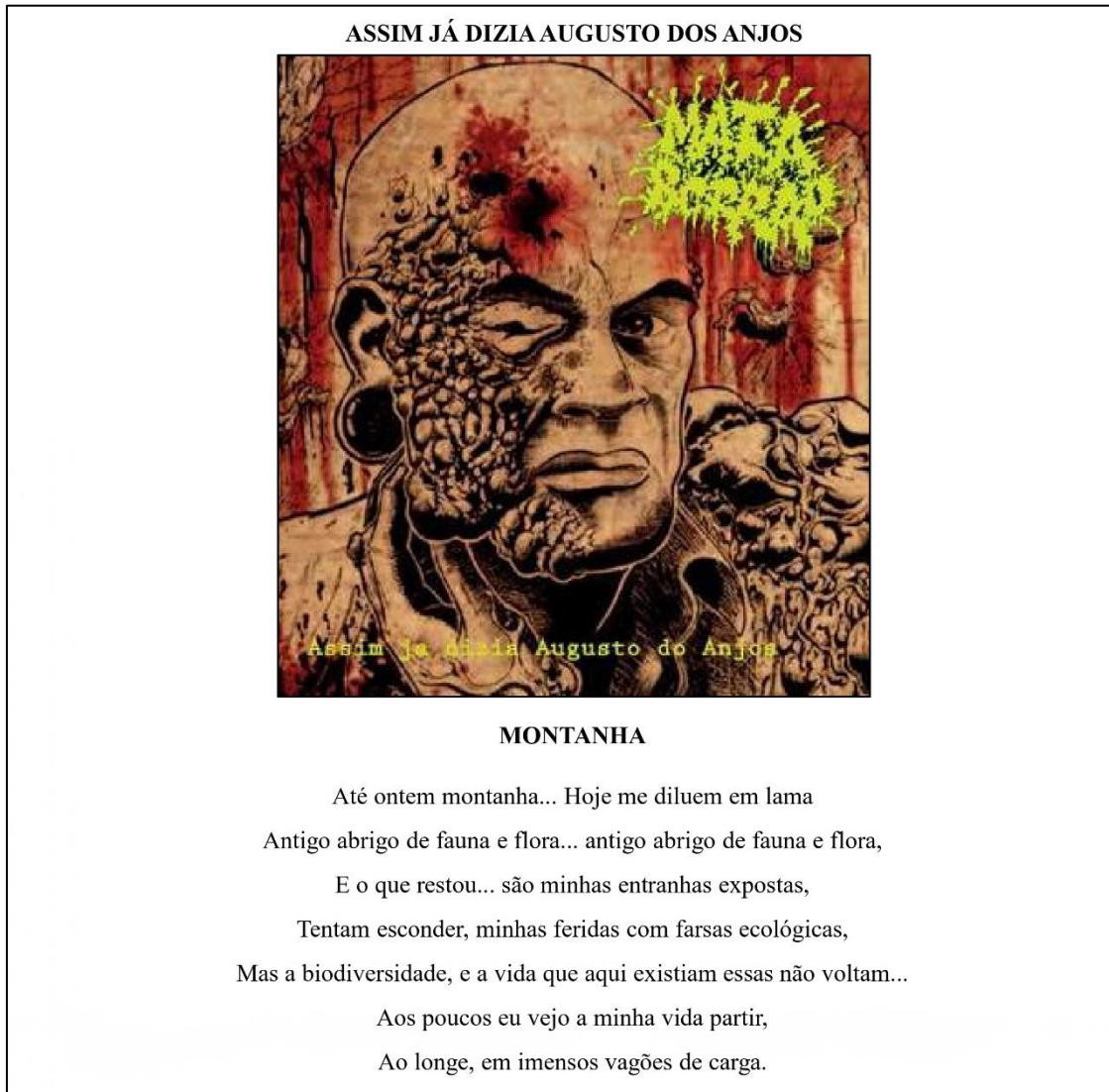
Figura 4: Full-length “Extinction”



Fonte: COLT.45, 2016.

Por fim, o álbum “Assim já dizia Augusto dos Anjos”, célebre poeta brasileiro, da banda Mata Borrão, mergulha na identidade local na faixa em português chamada “Montanha”. Nela, encontra-se uma série de inferências ao gentílico que reflete o que é ser mineiro, considerando a antiga vocação do estado de Minas Gerais para tal atividade econômica, hoje controlada por grandes multinacionais, voltada para exportação e focalizada, sobretudo, na extração do minério de ferro. É emblemático o fato de a faixa descrever a montanha transformada em rejeitos que “diluem em lama” antes das tragédias ambientais ocorridas em Bento Rodrigues (Mariana, 2015) e Brumadinho (2019) acontecerem, mostrando que o discurso do subgênero não é mero pessimismo ou falso alarmismo, passíveis de concretizarem-se. A faixa sintetiza o processo da Divisão Internacional do Trabalho em que a riqueza local é levada em grandes trens de carga, ao passo que o que fica é todo o passivo ambiental, seja da biodiversidade com a perda de fauna e flora, seja da geodiversidade com a montanha escavada.

Figura 5: Full-length “Assim já dizia Augusto dos Anjos”



Fonte: MATA BORRÃO, 2013.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teceu algumas possibilidades de empregar a Educação Ambiental a partir de exemplos advindos de ecologias menores, considerando narrativas do subgênero (anti)musical Grindcore. Os exemplos selecionados com suporte da *Encyclopaedia Metallum* revelaram uma miríade de significados e visões de mundo que representam diferentes paisagens sonoras do fim. Essa designação “do fim” é proposta devido à anunciação do caos/extinção/erradicação da humanidade, aplicada na distorção dos instrumentos, batidas aceleradas e gritos nas gravações dos discos, personificada nos shows e ilustrada nas capas de discos com cenários desesperançosos.

Viu-se que o Grindcore belo-horizontino se articula em nível global, compartilhando ideais comuns ao subgênero, como princípios anticapitalistas, anarquistas e com preocupação (ou apreço) por cenários pós-apocalípticos decorrentes do holocausto nuclear. Assim, aparições de paisagens de guerras ou corpos em estágios avançados de decomposição são corriqueiras. Estima-se que outros temas estão em plena adição à narrativa Grindcore, posicionada ao lado dos excluídos desde suas origens operárias, dentre os quais o feminismo, as questões de gênero (LGBTQIA+), os posicionamentos antifascistas e as pautas relacionadas às mudanças climáticas, o que direciona para estudos futuros dessas prováveis novas ecologias.

O pioneirismo da pesquisa reside na adição da paisagem sonora para compreender o modo desconstrutivo da Educação Ambiental institucional no espectro do Grindcore, colocando em evidência atos de rebeldia mais imediatos, na escala intraurbana, que quebram paradigmas de uma ecologia pautada por interesses do capital. Com isso, se a profusão do subgênero é mundial e estendida ao local, sua manifestação cultural é local e retroalimenta a global, havendo mensagens próprias que propagam o inconformismo de uma dada cidade, fato este comprovado pelas paisagens sonoras específicas de Belo Horizonte e sua região, passíveis de identificação em outros espaços.

REFERÊNCIAS

ASSIM já dizia Augusto dos Anjos. Intérprete: Mata Borrão. Belo Horizonte, Terceiro Mundo Chaos Discos, 2013. 1 CD (20:38 min.). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Y3uR9Ln5jQI&list=OLAK5uy_mU3BFNtznXvsIsXKG ePMpw_-O5X5YbfS4&index=2. Acesso em: 07 abr. 2024.

BARCHI, Rodrigo. As ecologias políticas e infernais do Red and Anarchist Black Metal. **Climacom Cultura Científica - Pesquisa, Jornalismo e Arte**, v. 5, p. 1-9, 2018. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/as-ecologias-politicas-e-infernais-do-red-and-anarchist-black-metal-2/>. Acesso em: 07 abr. 2024.

BARCHI, Rodrigo. Depois do holocausto: encontros e diálogos entre o thrash metal e as perspectivas ecologistas em educação. **Revista de Estudios y Experiencias en Educación (impresa)**, v. 17, n. 33, p. 127-142, 2018a. Disponível em: <http://www.rexe.cl/ojournal/index.php/rexe/article/view/517>. Acesso em: 10 maio 2024.

BARCHI, Rodrigo. Educações inversas e ecologias infernais: experiências para pensar as educações ambientais a partir dos contos de horror do Heavy Metal de King Diamond. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 34, p. 311-329, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.14295/remea.v34i1.6786>. Acesso em: 10 maio 2024.

BARCHI, Rodrigo. O ruído infame das ecologias menores: o grindcore e as relações entre meio ambiente e educação. **Revista do Lhiste**, v. 4, p. 179-200, 2017a. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/revistadolhiste/article/view/84969>. Acesso em: 10 maio 2024.

CALAÇA, Gleyber. Headbangers em cartaz: geovisualizando os territórios de shows e a semiótica dos flyers da cena Heavy Metal de Belo Horizonte nos anos 1980 e 1990. **Revista Verde Grande: Geografia e Interdisciplinaridade**, v. 5, n. 1, p. 22-48, 2023.

COELHO, Patrícia. **As identidades dos sujeitos da cena underground heavy metal e punk de Belo Horizonte**. 2020. 211 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagens) - Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

DEFORMED by law. Intérprete: Expurgo. Belo Horizonte, Black Hole Productions, 2018. 1 CD (37:40 min.). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=w3Fe0vpAuZQ&list=OLAK5uy_n6kx0C6aq1LJV_Fjpioj1NY_LnK69Rg1w. Acesso em: 07 abr. 2024.

ENCYCLOPAEDIA metallum. **The Metal Archives**. Disponível em: <https://www.metal-archives.com/>. Acesso em: 12 mai. 2024.

EXTINCTION. Intérprete: Colt.45. Belo Horizonte: Independente, 2016. 1 CD (37:13 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m6MfG2pzJj8&t=4s>. Acesso em: 07 abr. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GRINDCORE Godzilla Extravaganza. Grindcore Godzilla Extravaganza: Terror Absoluto, ascensão da extrema-direita e luta antifascista. [Entrevista concedida a] WAR, Hendrix. **Medium**, on-line, nov. 2021. Disponível em: <https://fabionunesilva.medium.com/grindcore-godzilla-extravaganza-terror-absoluto-ascens%C3%A3o-da-extrema-direita-e-luta-antifascista-fcd9803fb271>. Acesso em: 09 abr. 2024.

ICMBIO. **Educação Ambiental**. 2024. Disponível em: <https://www.icmbio.gov.br/educacaoambiental/politicas/pnea.html#:~:text=A%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Ambiental%20compreende%20os,de%20vida%20e%20sua%20sustentabilidade>. Acesso em: 15 maio 2024.

RICHES, Gabby. Use Your Mind? Embodiments of Protest, Transgression, and Grotesque Realism in British Grindcore. In: BROWN, Andy R.; SPRACKLEN, Karl; KAHN-HARRIS, Keith; SCOTT, Niall W.R. (org.). **Global Metal Music and Culture**. New York: Routledge, 2016, p. 125-142.

SCHAFER, Murray. **A afinação do mundo**: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente - a paisagem sonora. São Paulo: Editora UNESP, 2001. 381p.

SICK Music to an Extreme World. Intérprete: Martyrizer. Belo Horizonte, Independente, 2012. Formato desconhecido (09:57 min.). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_o_Hn9lEm60. Acesso em: 07 abr. 2024.

TERROR Absoluto. Intérprete: Grindcore Godzilla Extravaganza. Belo Horizonte, Independente, 2021. Digital (09:57 min.). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MdWXGTJnfX8&list=OLAK5uy_n3lLGAd-ocryht0Tj1mhC9yAM7DiqwdtA&index=2. Acesso em: 07 abr. 2024.

TORRES, Marcos; KOZEL, Salete. Paisagens sonoras: possíveis caminhos aos estudos culturais em geografia. **Revista RA'EGA**, n. 20, p. 123-132, 2010. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/20616>. Acesso em: 07 abr. 2024.